

ENSINO REMOTO NA ALFABETIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA: DESAFIOS TECNOLÓGICOS, SUPORTE FAMILIAR E INTERAÇÃO FÍSICA

*Maria Aparecida de Souza Silva¹, José Correia da Silva¹,
Beatriz Gaydeczka¹*

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

RESUMO: A Pandemia do Covid-19 foi uma crise sanitária que afetou as atividades educacionais. As escolas foram forçadas a suspender as atividades presenciais e se adaptar ao ensino remoto. Passados quatro anos da Pandemia, os impactos na aprendizagem de crianças, que foram alfabetizadas no ensino remoto, podem ser percebidos até a atualidade. O objetivo deste estudo foi analisar a percepção de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal José Caetano de Oliveira, pertencente à cidade Marinópolis – SP acerca do ensino remoto durante a Pandemia. Os itens da entrevista focaram fatores como acesso tecnológico, suporte familiar, estratégias escolares, ambiente de estudo em casa, percepções emocionais e possíveis diferenças na aprendizagem entre aulas presenciais e online. Os principais resultados mostram que a maioria dos alunos utilizava o celular da mãe para assistir às aulas. As atividades incluíam aulas síncronas e assíncronas e tarefas impressas. Houve irregularidade na frequência e acesso às aulas, devido à falta de estrutura tecnológica e barreiras emocionais. O suporte familiar foi a base de desenvolvimento, especialmente das mães, mas a falta de um espaço adequado para estudos em casa foi uma limitação. Apesar dos desafios, os alunos reconheceram a importância do apoio familiar e o aprendizado de novas tecnologias. O isolamento social e a falta de interação física como colegas e professores foram os maiores obstáculos para aprendizagem. Conclui-se que, apesar do apoio familiar e da adaptação às novas tecnologias, a falta de estrutura e interação física prejudicou o engajamento e a eficácia do ensino remoto.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino remoto. Pandemia. Alfabetização. Suporte familiar. Interação física.

REMOTE TEACHING IN LITERACY DURING THE PANDEMIC: TECHNOLOGICAL CHALLENGES, FAMILY SUPPORT, AND PHYSICAL INTERACTION

ABSTRACT: The Covid-19 pandemic was a health crisis that affected educational activities. Schools were forced to suspend face-to-face activities and adapt to remote learning. Four years after the pandemic, the impact on the learning of children who were taught literacy through remote learning can still be seen today. The aim of this study was to analyze the perception of 5th grade elementary school children at Escola Municipal José Caetano de Oliveira, in the city of Marinópolis - SP, about remote teaching during the pandemic. The interview items focused on factors such as technological access, family support, school strategies, home study environment, emotional perceptions and possible differences in learning between face-to-face and online classes. The main results show that most students used their mother's cell phone to attend classes. Activities included synchronous and asynchronous classes and printed assignments. There was irregularity in attendance and access to classes, due to the lack of technological structure and emotional barriers. Family support was the basis for development, especially from the mothers, but the lack of a suitable study space at home was a limitation. Despite the challenges, the students recognized the importance of family support and learning new technologies. Social isolation and the lack of physical interaction with classmates and teachers were the biggest obstacles to learning. It is concluded that, despite family support and adaptation to new technologies, the lack of structure and physical interaction hindered engagement and the effectiveness of remote learning.

KEYWORDS: Remote learning. Pandemic. Literacy. Family support. Physical interaction.

* Autor correspondente:

beatriz.gaydeczka@uftm.edu.br

Recebido: 09/10/2024.

Aprovado: 09/06/2025.

Como citar: Silva, M. A. de S., Silva, J. C. da, & Gaydeczka, B. ENSINO REMOTO NA ALFABETIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA: DESAFIOS TECNOLÓGICOS, SUPORTE FAMILIAR E INTERAÇÃO FÍSICA. *Revista Inova Ciência e Tecnologia*.

Editores:

Dra. Vanessa Cristina Caron
Dr. Robson Gonçalves Felix

Copyright: este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença de atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição, e reprodução em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



INTRODUÇÃO

A Pandemia do Covid-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, teve os primeiros casos e o reconhecimento em janeiro de 2020. O vírus se espalhou rapidamente em Wuhan, na China, e a mobilidade internacional facilitou a disseminação global. Em março de 2020 a OMS declarou a Pandemia. Medidas de contenção como quarentenas, *lockdown*, uso de máscaras, distanciamento social, dentre outras foram implantadas em todo o mundo. Isso trouxe impactos significativos não apenas na educação, mas também em outras esferas da vida. Estudantes e docentes enfrentaram adoecimentos, luto, perda de empregos, redução de renda e agravamento de problemas psicológicos. O isolamento social acentuou essas dificuldades, evidenciando desigualdades estruturais que influenciaram o acesso e a qualidade do ensino remoto. Além disso, houve reflexos econômicos e sociais mais amplos, como a reorganização do trabalho, aumento da vulnerabilidade de famílias e reforço das disparidades sociais já existentes, revelando um cenário complexo e desafiador que vai além do ambiente escolar (Máximo, 2024).

Nas escolas, a crise sanitária comprometeu as atividades educacionais, pois foram forçadas a suspender as atividades presenciais e se adaptar ao ensino remoto. Essas adaptações foram necessárias para a continuidade do ensino durante a Pandemia. No entanto, para as crianças que estavam em processo de alfabetização, o desenvolvimento de competências básicas de leitura e de escrita foi afetado significativamente.

A alfabetização é a base para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, a partir de sua consolidação, a criança pode seguir sua escolarização de maneira relativamente mais “autônoma”. No que se refere à aprendizagem da leitura e da escrita por crianças que nesse período (2020 e 2021) estavam frequentando o 1º e 2º ano do ensino fundamental, especialmente em escolas públicas, “ficaram escancaradas dificuldades que marcam diferenças socioeconômicas, impondo consequências pedagógicas que não podem ser ignoradas” (Colello, 2021).

Milhares de estudantes em fase de alfabetização tiveram de acompanhar as aulas de forma remota e atividades escolares em casa (Queiroz; Sousa; Paula, 2021). A longo prazo isso gerou consequências e lacunas no processo de aprendizagem tais como: não considerar o contexto coletivo de interações, problematizações e construções coletivas peculiares da sala de aula; a descontinuidade entre os processos de ensino escolar e individualizado; o empobrecimento do que é proposto em função da precariedade das condições materiais (indisponibilidade de bibliotecas, jogos pedagógicos, materiais de ensino etc.); a criação de relações de dependência que prejudicam o desenvolvimento do protagonismo e da autonomia dos estudantes; a transmissão mecânica e pouco significativa de conteúdos e, no caso, a alfabetização apartada do processo de letramento (Colello, 2021;).

Com o retorno das aulas presenciais pós-pandemia, os problemas impostos pela referida crise sani-

tária perduraram. Segundo Lamim-Guedes (2020), o fechamento das escolas impactou principalmente as crianças que não possuíam autonomia para realizar as atividades pedagógicas sozinhas.

Para a realização do ensino remoto, o uso de recursos tecnológicos diversos e acesso a internet não foram apenas um auxílio, mas tornou-se sua própria essência do ensino. Para Silva (2022), a maioria das escolas públicas do país não dispunha de estrutura tecnológica para que o ensino remoto acontecesse de forma efetiva. Como o Brasil ainda passa pelo processo de inclusão digital, nem todos os alunos tiveram acesso a esses meios (computadores, tablets, internet) para estudar. Ainda, atrelado a isso, até mesmo as crianças que dispunham de recursos, muitas vezes, não tinham suporte familiar no apoio ao aprendizado remoto. Para Silva (2021) e Colello (2021), o principal impacto negativo foi decorrente da falta de acompanhamento dos estudantes por parte de quem ficava com eles, somado com o despreparo dos professores, frente a uma realidade inesperada. Assim, a aprendizagem de muitas crianças foi afetada e sendo necessário o planejamento de estratégias de recuperação (Queiroz; Sousa; Paula, 2021).

Dessa forma, o presente estudo discute as dificuldades e anseios dos alunos da escola pública, quanto à aprendizagem da leitura e da escrita no contexto da Pandemia. O público-alvo deste estudo, alunos de 5º ano do ensino fundamental (em 2024), foi escolhido, pois foram os maiores afetados pelo período pandêmico, visto que, à época, estavam em fase de alfabetização, quando cursavam o 1º ou 2º ano do ensino fundamental. Nesse contexto, o objetivo do estudo foi analisar a percepção de crianças do 5º ano do ensino fundamental acerca do ensino remoto durante a Pandemia.

MÉTODO

Esta pesquisa se configura como quali-quantitativa, descritiva e transversal (Gil, 2017).

O estudo foi realizado na Escola Municipal José Caetano de Oliveira, pertencente à cidade Marinópolis – SP. Foram convidados a participar do estudo crianças de 9 e 10 anos, matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental. A justificativa para escolha desses participantes decorreu de eles terem frequentado o 1º ano do ensino fundamental durante o período da Pandemia do Covid – 19, em 2020 e 2021, ou seja, eles passaram pelo processo de alfabetização e letramento no contexto de ensino remoto. Para isso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Responsável Legal (TCLE-RL) foi impresso e apresentado para os responsáveis em reunião pedagógica com a presença dos diretores e o corpo docente da escola e ainda foram enviados lembretes e explicações pelo grupo de aplicativo de mensagem das turmas. A partir do consentimento dos responsáveis, foi impresso e disponibilizado Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) às crianças.

A entrevista foi composta de 13 perguntas acerca dos temas acesso tecnológico, suporte familiar, estratégias escolares, ambiente de estudo em casa, percepções emocionais e possíveis diferenças na aprendizagem

entre aulas presenciais e online. As perguntas foram:

1. Em que série (ano escolar) você estava quando começou a pandemia, em 2020, e no ano seguinte, em 2021?
2. Você conseguia participar das aulas ou atividades online? Quais aparelhos você ou sua família usavam? (Como celular, computador, ou iam até a escola)
3. Você dividia os aparelhos com irmãos, primos ou outros familiares?
4. Em casa, durante a pandemia, você tinha uma boa internet?
5. Como a escola te ajudava a aprender? Tinham aulas online, vídeos gravados, ou usavam materiais impressos? Quantas vezes por semana e quanto tempo durava cada aula?
6. Como a escola te mandava as atividades? Era por mensagem no celular ou tinha que buscar na escola?
7. Você conseguia assistir às aulas ou fazer as atividades todos os dias?
8. Quem te ajudava nas atividades da escola? Eram seus pais, irmãos mais velhos ou outros familiares?
9. Em casa, tinha um lugar legal pra estudar? Onde você costumava estudar?
10. Como você se sentiu nas aulas online? Teve alguma coisa difícil?
11. Você percebeu alguma diferença entre as aulas online e as aulas presenciais? Se sim, o que mudou e como isso afetou o que você aprendeu?
12. Durante o tempo que ficou em casa, aprendeu a ler e escrever?
13. Pode escolher 3 palavras que representem coisas boas e 3 que representem coisas não tão boas sobre a escola durante a pandemia?

A entrevista foi realizada de forma individual, na biblioteca da escola e na sala dos professores quando estava disponível. A entrevista foi gravada e transcrita, conforme as falas dos entrevistados, sendo preservadas as falas coloquiais e informais.

Como procedimentos de análise de dados, a técnica de análise de conteúdo descrita por Bardin (2010) foi utilizada para análise das respostas. Essa técnica segue quatro etapas distintas, tais como: a) pré-análise, com leitura flutuante dos trechos e levantamento dos temas de maior frequência; b) exploração do material e determinação das unidades de compreensão; c) classificação nas unidades de registro e; d) categorização com agrupamento dos temas em título.

Este estudo teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, cujo número do CAAE 77638224.0.0000.5154 e do Parecer 6.705.699 de 15 de março de 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram convidados a participar da entrevista 26 alunos. Desses, após consentimento dos pais, 17 crianças de 9 a 10 anos assentiram participar da entrevista.

A partir das respostas às perguntas da coleta de dados, os resultados e discussões foram divididos em cinco tópicos: a) Impactos da Pandemia no progresso escolar: análise dos anos escolares frequentados em 2020 e 2021; b) Tecnologia e conectividade: tipo de recurso, uso compartilhado e desafios de qualidade de internet; c) Estratégias educacionais durante a Pandemia; d) Suporte familiar, ambiente para estudos; e) Comparação entre as modalidades de ensino, dificuldades e sentimentos.

a) Impactos da Pandemia no progresso escolar: análise dos anos escolares frequentados em 2020 e 2021

Com relação ao ano escolar que as crianças frequentavam em 2020 e 2021 (Tabela 1), observa-se que a maioria dos participantes (76%) frequentaram o 1º ano do Ensino Fundamental em 2020 e o 2º ano em 2021.

Além disso, ocorreram casos, como relatou o ID2 “Em 2020 era para eu estar no 1º ano, mas começou a Pandemia, em 2021, eu pulei para o 1º ano”. Infere-se desse tipo de situação, que a família esperava em 2020 o retorno das aulas presenciais para levar a criança para escola, como isso não ocorreu, acarretou ao atraso no processo de alfabetização da criança. Já outros casos, refere-se a alunos que em 2020 e 2021 frequentaram o 2º e 3º ano e, em 2024, frequentam o 5º ano, o que denota a repetição de ano em alguma das séries subsequentes.

Tabela 1: Ano escolar que as crianças frequentaram em 2020 e 2021, período da pandemia covid-19

Ano escolar	2020	%	2021	%
Pré II da Educação Infantil	1	6	-	-
1º ano do Ensino Fundamental	13	76	2	11
2º ano do Ensino Fundamental	2	11	13	76
3º ano do Ensino Fundamental	-	-	2	11

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nota: A diferença de alunos entre 2020 (16 alunos) e 2021 (17 alunos) se deve ao que foi relatado por uma aluna (ID2), que não matriculou ou frequentou o 1º ano em 2020, ingressando na escola a partir do 2º ano.

O ano escolar que a criança se situava no momento de início da crise pandêmica têm relevância para conhecermos a sua situação atual de aprendizado, compreendendo se houve superação de lacunas de aprendizado e evolução adequada.

Pela análise da tabela 1, denota-se que a maior parte dos estudantes entrevistados estavam no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, quando implementaram as aulas *on-line*. Esses anos escolares representam o início e a consolidação da alfabetização, sendo a fase mais importante da escolarização de uma criança, visto ler e escrever é pressuposto para compreender assuntos mais complexos. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a alfabetização deve ocorrer

rer até o segundo ano do ensino fundamental, assegurando o direito básico de ler e de escrever (Brasil, 2018). Já o **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada** destaca como “finalidade garantir o direito à alfabetização das crianças brasileiras até o final do 2º ano do ensino fundamental e foca a recuperação das aprendizagens das crianças do 3º, 4º e 5º ano afetadas pela pandemia” (Brasil, 2023).

b) Tecnologia e conectividade: tipo de recurso, uso compartilhado e desafios de qualidade de internet

Com relação ao tipo de tecnologia usada para fazer as aulas e atividades escolares (Tabela 2), todos os alunos afirmaram que conseguiam fazer as atividades, usando predominantemente o celular “da mãe” ou da própria criança. Como se observa nas respostas: “Não ia na escola e nem tinha computador, usava o meu celular e o da minha mãe” (ID1); “Sim, o celular da minha mãe” (ID7).

Tabela 2: Tipos de tecnologias usadas para ter acesso às aulas durante o período da pandemia covid-19

Tipo de tecnologia	Quantidade	Porcentagem
Celular	15	88%
Computador	2	13%
Não informado	1	6%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nota: Como se trata de pesquisa qualitativa, os 17 alunos entrevistados podiam trazer em suas respostas mais de uma opção de tecnologia ou recurso que dispunham para estudo.

Para garantir a continuidade da educação, durante a Pandemia do Covid-19, embora grande parte da educação remota dependesse muito de computadores, milhões de alunos da América Latina não tiveram acesso a um computador doméstico. No entanto, a conectividade móvel é muito alta na América Latina e, portanto, o aprendizado móvel, por meio do uso de telefones celulares, apoiou muito as instituições durante a educação remota (Castellanos-Reyes *et al.*, 2022). Os aparelhos móveis como telefones celulares são mais acessíveis, tem baixo custo em comparação ao computador, podendo substituí-lo por ser portátil e prático.

No que se refere ao compartilhamento do uso do celular e do computador (Tabela 3), mais da metade (52%) das crianças usavam o celular da mãe para as aulas e estudo, 11% dividiam o uso com irmãos e familiares, 35% das crianças não dividiam, ou seja, tinham uso exclusivo do aparelho.

“Não [dividia o uso], porque um dos meus irmãos não tinha nascido e o outro estava na creche e não usava. O celular era da minha mãe” (ID9).

“Sim, celular. Dividia com meus irmãos e familiares” (ID8).

“Computador. Enquanto estava fazendo aula eu não dividia” (ID10).

“Sim, com meu irmão e minha irmã. O celular era da minha mãe” (ID17).

Tabela 3: O uso compartilhado da tecnologia para estudo durante a pandemia

Compartilhava o celular/computador?	Sim	Não	%
Celular de uso exclusivo da criança	-	6	35%
Celular era da mãe, que cedia o uso	9	-	52%
Compartilhado com irmãos e familiares	2	-	11%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Infere-se que a maior parte dos entrevistados dividiam os aparelhos eletrônicos com outras pessoas. Diante disso, houve um desafio adicional, qual seja, conciliar a demanda de todo núcleo familiar, visto que durante esse período houve também a expansão do trabalho remoto. Assim, a divisão do tempo podia criar tensões entre interesses, especialmente quando havia necessidade de uso ao mesmo tempo por ser um recurso limitado.

Com relação à qualidade da internet (Tabela 4), todas as crianças afirmaram que tiveram acesso a internet. A maioria das crianças (70%) afirmaram que a internet era de boa qualidade, 30% afirmaram que a internet era instável e com falhas de sinal.

Tabela 4: Avaliação da qualidade da internet durante a pandemia covid-19

Característica da internet	Porcentagem	
Com qualidade	12	70%
Sem qualidade	5	30%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Como se observa em alguns relatos:

“Sim, só caía quando chovia” (ID9).

“Mais ou menos, às vezes falhava um pouquinho” (ID10).

“Na minha casa não tinha internet Wi-Fi, só o plano de internet celular mesmo” (ID14).

A presença de uma internet de qualidade e possuir aparelho para conexão é pressuposto fundamental para o ensino remoto. Durante a Pandemia, a conexão virtual substituiu o contato físico e, por isso, quem não tinha internet, ou a possuía com baixa qualidade, sofria por uma exclusão digital. Na realidade dos entrevistados, os principais atingidos por essa realidade são as crianças residentes de áreas rurais, que muitas vezes não dispõem de internet Wi-fi, dependendo da utilização de pacotes de dados, disponibilizados pelas empresas de telefonia, que são por vezes limitados.

c) Estratégias educacionais durante a Pandemia

No que tange a maneira como os recursos foram empregados para o ensino, percebe-se que houve diversificação, seja pela autonomia dada aos educadores, ou pela realidade heterogênea em que cada aluno se encontrava. A análise dos depoimentos dos alunos denota experiências bastante distintas. Embora a maioria das crianças tenha frequentado a mesma escola, nas mesmas turmas, com os mesmos professores, observou-se uma

adaptabilidade dos docentes e dos alunos quanto do tipo de instrumento utilizado e quanto ao tempo dedicado às atividades. Dentre os tipos de atividades e de aulas apareceram: aula síncrona dos professores por chamada de vídeo; aula assíncrona dos professores gravada em vídeo; atividades em tarefas impressas ou apostilas. Dessa forma, infere-se que nem todas as crianças tiveram as mesmas possibilidades de aprendizado, estando longe do alcance de uma educação equitativa para todos, como defendem os documentos oficiais.

O quadro 1, sintetiza a experiência dos estudantes, ratificando a variedade de métodos empregados pelas escolas e pelos docentes.

Quadro 1: Métodos de ensino dispostos durante a pandemia da covid-19

Excertos das unidades de compreensão	Unidades de registro	Categorias	CF*
<p>"As aulas normais dos professores eram por chamada de vídeo." (ID1)</p> <p>"A escola fornecia aula on-line e não tinha material impresso." (ID5)</p> <p>"Aulas on-line quando tínhamos dúvidas." (ID4)</p>	Aula síncrona dos professores por chamada de vídeo	Tipos de atividades e de aulas	9
<p>"A escola mandava vídeos e fotos." (ID2)</p> <p>"Eram aulas gravadas." (ID12)</p>	Aula assíncrona dos professores gravada em vídeo		6
<p>"A escola mandava tarefas e eu imprimia e fazia em casa." (ID3)</p> <p>"A nossa professora fazia uma pasta e a minha mãe pegava na escola, e filmava a gente fazendo e mandava para professora." (ID9)</p> <p>"Usava apostilas que levava para casa, e aulas on-line." (ID13)</p>	Atividades em tarefas impressas ou apostilas.		6

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nota: CF* Contagem frequencial.

Com relação à frequência e duração das atividades, alguns alunos comentaram que as aulas aconteciam todos os dias com tempos variados (de 40 minutos a 2 horas, por exemplo). No entanto pelas respostas, observa-se que a maioria dos alunos não tinha uma regularidade na frequência, no acesso aos sistemas para assistir às aulas nos horários combinados.

"Eu não lembro quanto tempo, mas acho que durava 40 minutos aproximadamente" (ID1).

"1 vez na semana, 1 hora" (ID4).

"Acho que era 1 hora, 3 dias na semana" (ID5).

"Sim, todos os dias da semana, mas não lembro o tempo" (ID7).

Um aspecto importante nessa variedade de frequências observada na voz dos entrevistados é o compartilhamento de responsabilidades entre famílias e educadores. Sabe-se

que alguns pais acompanharam seus filhos, já outros, não dispuseram de tal preocupação e responsabilidade, por diversos motivos. Como destacou Colello (2021) pais e responsáveis não conseguiram responder adequadamente às propostas alternativas da escola, quer pela falta de recursos materiais, por dificuldades de acesso e uso de plataformas, pela inexperiência com o trabalho pedagógico, ou por indisponibilidade de tempo, isso impactou significativamente para o acompanhamento irregular das crianças e o baixo nível de adesão às aulas e às atividades.

Além disso, cabe observar a atitude protagonista de uma criança nessa faixa etária, de buscar conhecimento por si mesmo, é bastante reduzida, dada a sua maturidade e autonomia ainda em construção. Dessa forma, nem todas as crianças tiveram suporte adequado e a regularização de uma rotina de estudos.

Outra variável a ser considerada é a forma que os educadores disponibilizaram os conteúdos a serem estudados. Nessa análise, é importante frisar que não só as crianças e seus familiares foram afetados, mas também, os educadores. A nova realidade exigiu desses profissionais não apenas a qualificação de suas habilidades pedagógicas, mas também a adaptação rápida a novas tecnologias de ensino remoto.

Assim, infere-se que a autonomia dos professores propiciou diversidade de disponibilidade de atividades, tanto de acesso virtual quanto de acesso físico, de forma que alguns investiram em aulas síncronas online, outros em videoaulas gravadas e, até mesmo, em materiais a serem buscados na escola.

Quadro 2: Forma de acesso aos conteúdos e atividades durante a pandemia

Excertos das unidades de compreensão	Unidades de registro	Categorias	CF*
<p>"Por mensagens de celular ou por foto." (ID1)</p> <p>"[A professora] mandava pelo celular, vídeos gravados." (ID7)</p> <p>"Era... tinha um grupo que mandava por celular. Não havia busca de material na escola, tudo por celular." (ID12)</p>	Mensagens em aparelhos celulares	Acesso virtual	13
<p>"As atividades eram faladas nas aulas on-line." (ID14)</p> <p>"Aulas on-line." (ID15)</p>	Aulas on-line		2
<p>"Como na pandemia eu fiquei no Paraná com meu pai, ele mandava para impressão." (ID3)</p> <p>"Buscava na escola, mas tinha vezes que era por vídeo para gente fazer." (ID9)</p>	Busca de materiais impressos na escola	Acesso físico	6

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nota: CF* Contagem frequencial.

Ressalta-se que houve também combinação de métodos, de forma que os alunos vivenciaram mais de uma modalidade de ensino. Essa variedade também foi necessária para a inclusão dos estudantes que viviam diferentes realidades.

No que tange ao acompanhamento das aulas e a realização das atividades percebe-se que 70% dos entrevistados declararam que sempre realizava, 11% às vezes conseguia e 6% não conseguiam realizar (Tabela 5). Embora a maior parte dos alunos conseguiram assistir às aulas, ficam implícitas questões que comprometeram o real engajamento dos alunos nos desafios propostos, tais como a falta de estrutura tecnológica e as barreiras emocionais e motivacionais, ocasionadas do isolamento social e dos impactos psicológicos decorrentes. Assim, muitas vezes, os alunos acompanhavam as atividades apenas para cumprir o requisito imposto, sem nenhuma qualidade ou comprometimento, comprometendo as aprendizagens.

Dessa forma, o acesso é só um dos pilares da garantia constitucional da educação. Segundo Araújo (2023, p. 6) no âmbito da educação, a desigualdade pode ser percebida em dois aspectos: o primeiro diz respeito ao acesso, à permanência e à qualidade, em que os grupos mais vulneráveis têm pouco acesso à escola e, quando têm o acesso, faltam, em muitos casos, a qualidade e as condições de permanência.

Tabela 5: Possibilidade de realização de atividades e acompanhamento das aulas durante a pandemia

Tipo de engajamento		Porcentagem
Sempre conseguia	12	70%
Às vezes	4	23%
Não conseguia	1	6%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

d) Suporte familiar, ambiente para estudos

Outro eixo temático analisado foi o suporte familiar para acompanhamento das atividades pelos familiares (Tabela 6) e o ambiente de estudos (Tabela 7). Infere-se que a criança, na etapa escolar analisada, tem pouca consciência de organização dos estudos, sendo crucial a presença de um adulto intermediador.

Observa-se que as mulheres são sempre as maiores responsáveis pelo cuidado dos filhos e isso inclui o acompanhamento escolar. Essa situação, por vezes, sobrecarrega a figura feminina, sendo uma faceta da desigualdade de gênero, pois ela acumula as obrigações profissionais, as atividades domésticas e o cuidado dos filhos.

Além disso, destaca-se o papel dos irmãos, pois, muitas vezes, falta acesso ao conhecimento por parte dos pais, como relata o entrevistado “Era minha mãe, mas de vez em quando, meu irmão, quando ela não sabia das matérias” (ID9). A tabela 6 demonstra o adulto responsável que mais frequentemente acompanhava e colaborava nas atividades.

Tabela 6: Acompanhamento das atividades por um adulto durante a pandemia do covid-19

Adulto responsável		Porcentagem
Mãe	8	47%
Família, os pais	6	35%
Irmãos	4	23%
Avós	3	15%
Pai	1	5%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Outra questão relevante é o espaço físico que o estudante disponha para estudar (Tabela 7). Para que se possa aprender, é importante que o ambiente seja livre de distrações, para a possível concentração nos estudos. Além disso, deve ser um local arejado e limpo. A tabela 7 demonstra a realidade dos entrevistados:

Tabela 7: Locais de estudo em casa durante a pandemia do covid-19

Ambiente		Porcentagem
Cozinha	8	40%
Quarto	4	23%
Sala	2	11%
Escritório	1	6%
Serviço dos pais	1	6%
Área	1	6%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A análise dos resultados denota que na maioria dos lares não se tem um lugar adequado aos estudos. A maioria das residências sofrem limitações de natureza física, como espaço reduzido, ao passo que são divididas entre várias pessoas, dificultando a possibilidade de ter um espaço exclusivo para os estudos. Além disso a maioria das famílias não tem condições financeiras de adquirir móveis adequados, cadeiras confortáveis e proporcionar boa iluminação.

Outro ponto crítico é a falta de privacidade. O compartilhamento de ambientes faz com que se tenha ruídos, conversas e distrações. Estudar na cozinha (40%) e orientados pela mãe (47%, tabela 6). Segundo a fala de uma criança “Eu tinha uma mesinha com lápis e minhas coisas tudo separado, no meu quarto” (ID6) para outra “No serviço da minha mãe” (ID7).

e) Comparação entre as modalidades de ensino, dificuldades e sentimentos

Outra importante questão é a que diz respeito as dificuldades trazidas pela implementação do ensino remoto (Quadro 3).

Nesse sentido, entende-se que os maiores desafios estão relacionados a superficialidade acarretada pelo ensino remoto, que traz a necessidade de uma posição mais protagonista do estudante, ou seja, que caminhe de forma mais individualizada, e pelas distrações, decorrentes da falta de lugares apropriados para estudo.

Além disso, soma-se as questões de ordem afetiva e emocional. O afeto contribui para a ampliação da autoestima e autoconfiança do aluno. No período da Pandemia essa falta de interação presencial entre alunos e comunidade escolar trouxe grandes impactos que afetam a saúde mental dos alunos que já estão desestabilizados por diversas questões que permeiam uma Pandemia. O afeto é transmitido pelo contato físico e a tecnologia não consegue fazer essa substituição (Barros, 2021).

Quadro 3: Dificuldades e sentimentos relacionados às aulas on-line

Excertos das unidades de compreensão	Unidades de registro	Categorias	CF*
<p>"Tive dificuldades em todas as matérias, pois não dava para entender direito." (ID3)</p> <p>"Difícil porque não conseguia prestar atenção, e focar nos conteúdos e matérias. Bom mesmo é na sala de aula." (ID13)</p>	Dificuldades gerais	Dificuldades	7
<p>"Quando eu queria prestar atenção e os outros ficavam conversando e eu não conseguia entender." (ID2)</p> <p>"Não era muito difícil não, mas às vezes pedia ajuda para minha mãe." (ID12)</p>	Dificuldades específicas		4
<p>"Não tive dificuldades." (ID10)</p> <p>"Não achei muito difícil. Tive dificuldades às vezes." (ID11)</p>	Sem dificuldades		4
<p>"Aprendia bem, mas tinha vergonha de aparecer no vídeo." (ID15)</p> <p>"Me senti estranho, com muitas dificuldades." (ID17)</p>	Sentimentos	Sentimentos	3

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Nota: CF* Contagem frequencial.

A maioria dos alunos entrevistados perceberam diferenças entre o ensino remoto e o presencial (Quadro 4), como apontam as crianças:

"Junto, na sala de aula, é melhor, por causa da presença do professor, pelo celular dificulta o raciocínio" (ID5).

"Sim, porque a professora explicava de uma maneira online que não dava para entender tanto. E presencial aprende melhor" (ID9).

Porém, há outros casos, em que consideraram que não há diferença entre os dois modelos, como:

"Não afetou em nada, mas muito porque nós fazíamos desenho. Melhor fazer pelo celular" (ID1).

Isso demonstra mais uma vez a vivência subjetiva de cada indivíduo na Pandemia, dada as variações de ordem econômico e/ou social.

Quadro 4: Comparativo entre aulas on-line e presenciais de acordo com a percepção dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, alfabetizados durante a pandemia

Excertos das unidades de compreensão	Unidades de registro	Categorias	CF*
<p>"Nas aulas presenciais tem como entender tudo, as tarefas são melhores explicadas." (ID6)</p> <p>"E quando não é on-line é possível formar duplas e ficar com os coleguinhas." (ID12)</p> <p>"Tem muitas diferenças, mas presencialmente eu consigo ver meus coleguinhas e aprender melhor." (ID16)</p>	<p>Avaliação positiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> Presença do professor Socialização e interação com colegas 	Aula presencial	11

Excertos das unidades de compreensão	Unidades de registro	Categorias	CF*
<p>"Sim, porque nas aulas on-line não dava para entender, a internet caía e cortava algumas coisas. Eu não sabia nem ler, fui aprender a escrever somente porque fiz aulas particulares." (ID3)</p> <p>"e pelo celular dificulta o raciocínio." (ID5)</p> <p>"e pelo celular não dá para entender tudo e às vezes o celular descarrega." (ID6)</p> <p>"Sim, na aula on-line não tem lousa para explicar, e para tirar as dúvidas nem sempre é atendido." (ID12)</p> <p>"Afetou porque não conseguia prestar atenção nas aulas." (ID13)</p>	<p>Avaliação negativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> Falta de compreensão Internet ruim Celular descarrega Falta de recursos didáticos 	Aula remota	10

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nota: CF* Contagem frequencial.

Um indicador importante é o aprendizado da leitura e da escrita, haja vista os participantes estarem em etapa de alfabetização no período da Pandemia. Com relação à autoavaliação da aprendizagem da leitura e escrita (Tabela 8) 53% responderam que "sim" adquiriram essas habilidades, enquanto 29% reconheceram que não conseguiram e 18% atingiram medianamente. Somando os que admitiram que não conseguiram e os que afirmaram "um pouco", tem-se 47%, quase a metade dos alunos. Um dado alarmante, considerando a importância da leitura e da escrita nessa fase de escolarização.

Tabela 8: Aprendizado de leitura e escrita durante a pandemia do covid 19

Aprendeu a ler e a escrever	Porcentagem	
Sim	9	53%
Não	5	29%
Um pouco	3	18%

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Com relação à percepção das crianças a respeito dos aspectos positivos e negativos do período de ensino remoto (Quadro 5). Nas explicações das crianças, observam-se percepções positivas e negativas do ensino remoto durante a Pandemia.

Quadro 5: Percepção das crianças a respeito dos aspectos positivos e negativos do período de ensino remoto

Excertos das unidades de compreensão	Unidades de registro	Categorias	CF*
<p>"Boas foi que fiquei mais com minha mãe e irmãos." (ID1)</p> <p>"As coisas boas foi que eu consegui ver a aula, ficou perto da família e fica feliz juntos." (ID13)</p>	Ficar perto da família	Avaliação positiva	9
<p>"Estudar, aprender e ler são coisas boas de se fazer na escola." (ID8)</p> <p>"a aprendizagem que é melhor na escola." (ID11)</p>	Bom é aprender na escola		5

Excertos das unidades de compreensão	Unidades de registro	Categorias	CF*
"Podia ir no banheiro a hora que você quisesse, ficava mais solto e não precisava acordar cedo." (ID3)	Liberdade e flexibilidade	Avaliação positiva	3
"Coisa boa é ficar mais confortável..." (ID6) "não ficávamos com frio como agora..." (ID9) "Coisas boas é que ninguém corria, ninguém ficava conversando bastante, e correr só na quadra." (ID10)	Conforto e tranquilidade da casa		3
"Estávamos protegidos da doença, ..." (ID9)	Proteção da doença		2
"aprendi mais sobre a tecnologia." (ID1)	Aprender tecnologia		1
"...fiquei longe dos meus colegas e da minha professora." (ID1) "Não ver os amigos, não falar perto dos amigos e não conversar são as coisas não tão boas." (ID8)	Distanciamento, falta de interação social	Avaliação negativa	11
"quando o celular descarregava e tinha que pegar outro aparelho." (ID2) "as vezes imprimia apagado e não dava para fazer direito e a internet caindo." (ID3) "Durante a Pandemia a internet falhava às vezes..." (ID16)	Recursos limitados ou ruins		5
"Eu não gostei, foi muito chato e não aprendi quase nada." (ID5)	Aprendizagem ruim		5
"Coisa ruim é que eu não posso brincar com meus amigos..." (ID6)	Não podia brincar		3
"Afetou porque não conseguia prestar atenção nas aulas." (ID13) "ficavam conversando e eu não conseguia entender, meus primos iam em casa e ficavam me atrapalhando..." (ID2)	Barulhos e conversas atrapalhavam a atenção e concentração		2

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nota: CF* Contagem frequencial.

CONCLUSÃO

A pandemia do Covid-19 trouxe mudanças significativas no ambiente educacional, obrigando as escolas a adaptarem-se rapidamente ao ensino remoto. Este estudo analisou a percepção de crianças do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal José Caetano de Oliveira, pertencente à cidade Marinópolis – SP, acerca do uso de tecnologia durante este período. Dos tópicos levantados, emergem algumas contribuições que merecem ser consideradas no contexto da alfabetização.

Constatou-se que a maioria dos alunos dependia do celular da mãe para acessar as aulas, evidenciando uma limitação no acesso a dispositivos adequados, como computadores domésticos. Mais da metade (52%) dos alunos compartilhava o celular com a mãe, enquanto 11% dividiam o uso com outros familiares e 35% tinham uso exclusivo do aparelho. Esses dados refletem a desigualdade digital, destacando a necessidade de políticas para ampliar o acesso a dispositivos.

E, parafraseando Coscarelli e Ribeiro (2021), embora o que os documentos oficiais, como a BNCC, considerem importantes e essenciais seja bastante, contemporâneo e interessante (lembrando: competências e habilidades de ler, navegar na web, uso de gêneros da cultura digital, produções que envolvam outras tecnologias, além do lápis da caneta e do papel), cabe ressaltar em nossa sociedade atual, tanto as famílias como as escolas precisam estar suficientemente equipadas (algo que sabemos ser difícil) para que essas competências sejam desenvolvidas.

A experiência dos alunos revelou, por um lado, a adaptabilidade em relação ao tipo de tecnologia e ao tempo dedicado às atividades, pois a frequência e o acesso às aulas eram irregulares devido à falta de estrutura tecnológica e às barreiras emocionais e motivacionais causadas pelo isolamento social e os impactos psicológicos associados. Isso releva, por outro lado, que os docentes se desdobraram para adequar as atividades às condições e especificidades de cada aluno. Apesar de as aulas serem oferecidas em formatos síncronos e assíncronos, envio de tarefas impressas e digitais, assegurando inclusão e personalização do ensino, a maioria dos lares não possuía um ambiente adequado para os estudos, com limitações de espaço e a necessidade de compartilhar esse espaço com várias pessoas, dificultando a criação de um ambiente propício à aprendizagem. Mesmo assim o suporte familiar emergiu, revelou-se importante, especialmente das mães, que assumiram a maior parte das responsabilidades pelo acompanhamento escolar. Como contraponto, esse dado mostra a necessidade de a escola fornecer orientações às famílias quanto à organização dos espaços de estudo em casa e reforçar a importância do acompanhamento familiar para o desenvolvimento da criança.

Em conclusão, o ensino remoto durante a pandemia destacou a resiliência e adaptabilidade dos alunos e professores, mas também revelou profundas desigualdades tecnológicas e estruturais. O suporte familiar foi vital, mas insuficiente para superar todas as dificuldades, sublinhando a necessidade da interação física com colegas e professores, de um ambiente escolar estruturado para um desenvolvimento eficaz e equitativo. Cabe, nesse sentido, que o poder público (secretarias de educação estaduais e municipais), as escolas e os docentes deem atenção à geração alfabetizada durante a Pandemia e conheçam o **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**, que está em vigor até 2026 (Brasil, 2023). Em síntese é necessário: formação e materiais pedagógicos para os professores; aplicação de diagnósticos periódicos orientados por metas [que exigem que se tenha definido claramente o que se pretende que a criança aprenda (Soares, 2020) e acompanhamento do processo de aprendizagem das crianças de 3º, 4º e 5º anos, dando atenção às dificuldades ou dúvidas que elas manifestem, orientando e desenvolvendo atividades complementares, oferecendo projetos ou programas de reforço no contraturno para esses estudantes e interagindo com as famílias a fim de ter apoio e compromisso.

AGRADECIMENTO

Os pesquisadores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB) tem incentivado a formação de profissionais de alto nível para educação básica, viabilizando cursos a distância, especialmente, como no caso da Universidade Federal do Triângulo Mineiro que possui o curso de Pedagogia, o qual conta com o apoio das bolsas para Professor Formador e de Tutores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. **Os desafios da educação em tempos de pandemia**: a cruel pedagogia do vírus. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto Federal Goiano, Iporá, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/3636>. Acesso em: 8 jul. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2010.

BARROS, D. **Consequências do isolamento social para os estudantes brasileiros durante a pandemia**: as repercussões do isolamento social na aprendizagem e no comportamento dos estudantes brasileiros no último ano é tema constante de debate. [S. l.]: Portal Afya, 2021. Disponível em: <https://pebmed.com.br/consequencias-do-isolamento-social-para-os-estudantes-brasileiros-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 8 jul.2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. [Brasília, DF]: Secretaria de Educação Básica, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/crianca-alfabetizada>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CASTELLANOS-REYES, D.; ROMERO-HALL, E.; VASCONCELOS, L.; GARCÍA, B. Mobile learning for emergency situations: four design cases from Latin America. In: DENNEN, V.; DICKSON-DEANE, C.; XUN GE; IFENTHALER, D.; MURTHY, S.; RICHARDSON, J. C. (ed.). **Global perspectives on educational innovations for emergency situations**. Cham: Springer, 2022. p. 89-98.

COLELLO, S. M. G. Alfabetização em tempos de pandemia. **Convenit Internacional 35**, [São Paulo], p. 1-22, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit35/Silvia.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. BNCC: tecnologias digitais, textos multimodais e o ensino fundamental. In: SILVA, K. A. da; XAVIER, R. P. (org.). **Múltiplos olhares para a Base Nacional Comum Curricular**: língua portuguesa e língua inglesa. Campinas: Pontes Editores, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAMIM-GUEDES, V. (org.) **A educação na covid-19**: a voz docente. São Paulo: Editora Na Raiz, 2020. Disponível em: <https://zenodo.org/records/4037300>. Acesso em: 8 jul. 2024.

MÁXIMO, M. E. Tecnologia e educação: reflexões a partir de uma etnografia sobre experiências com o ensino remoto na pandemia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 30, n. 68, e680405, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e680405>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fNwTpRJRSTD5hZQsWQCSyMq/?lang=pt>. Acesso em: junho de 2024.

QUEIROZ, M. de; SOUSA, F. G. A. de; PAULA, G. Q. de. Educação e pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6057>. Acesso em: 8 jul. 2024.

SILVA, M. J. dos S. **Impactos no processo de ensino remoto da alfabetização e letramento escolar durante a pandemia covid-19**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Pernambuco, Curuaru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43014>. Acesso em: 8 jul. 2024.

SILVA, P. V. de M. e. Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: relatos de experiência durante o ensino remoto. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1–20, jan./dez. 2022. DOI: 10.12957/redoc.2022.64568. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/64568>. Acesso em: 8 fev. 2024.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.